

A QUESTÃO DO ESTILO NOS ESTUDOS DE OBRAS DE ARTE

THE QUESTION OF STYLE IN STUDIES OF ARTWORKS

Valter Frank de Mesquita Lopes / UFAM

RESUMO

Este artigo discute o conceito de estilo como categoria analítica para os estudos de obras de artes visuais. Desse modo, propõe olhar o conceito de estilo como constituído de três dimensões, a partir de um ponto de vista semiosférico, a saber: a dimensão formal, a dimensão histórica e a dimensão sociocultural. O conceito de semiosfera, de Iuri Lotman (1996), funcionou como orientação teórica da pesquisa realizada.

PALAVRAS-CHAVE: Estilo; semiosfera; obras de arte; artes visuais.

ABSTRACT

This article discusses the concept of style as an analytical category for studies of visual arts works. In this way, he proposes to look at the concept of style as consisting of three dimensions, from a semiospheric point of view, namely: the formal dimension, the historical dimension and the sociocultural dimension. The concept of the semiosphere, by Iuri Lotman (1996), functioned as a theoretical orientation of the research carried out.

KEYWORDS: *Style; semiosphere; artworks; visual arts.*

Introdução

O estudo do conceito de estilo nas artes plásticas surgiu a partir da necessidade de se investigar os processos socioculturais na produção do artista plástico amazonense Moacir Andrade (1927-2016), durante a pesquisa de doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia. O que se mostrou bastante fértil, possibilitando um olhar interdisciplinar aplicado à investigação. Assim, estudou-se o estilo individual de um artista ao analisar o seu processo estilístico, partindo da premissa de que o processo estilístico é anterior à própria obra, mas depende dela para ocorrer. A obra de arte, portanto, seria a atualização desse processo que existe enquanto potência no pensamento criador.

A partir do conceito de estilo, que se mostrou fecundo para a investigação pretendida e, portanto, o fio condutor da discussão teórica, percebeu-se que o caráter complexo do conceito apresentava três dimensões analíticas: a dimensão formal, a dimensão histórica e a dimensão sociocultural.

A dimensão artística do conceito de estilo foi construída a partir de vários olhares sobre a sua natureza. Partindo de sua origem histórica e seu emprego no campo da teoria e da história da arte, pautada nas abordagens estabelecidas por Meyer Schapiro (1994), Arnold Hauser (1988), James Ackerman (1962), Ernst Gombrich (2009), Richard Wollheim (1987), Rudolf Arnheim (2004), George Kubler (1987) e David Summers (2009). A intenção de tomar vários autores que discutiram sobre a definição do caráter conceitual e, às vezes, metodológico do estilo foi a de construir uma abordagem o mais completa possível sobre a aplicação do conceito de estilo nos estudos dos processos socioculturais nas obras de arte. Assim, o resultado foi a construção de um percurso não somente teórico, mas metodológico para a pesquisa.

A partir das discussões sobre o estilo artístico, encontrou-se no conceito de semiosfera, do semiótico russo Iuri Lotman (1996), um ponto de vista coerente com a perspectiva investigativa ora desenvolvida, que auxiliou a pesquisa a perceber na obra de arte, um espaço formado por diversos e distintos sistemas, sejam eles formais, sociais, culturais e históricos, que se encontram em vários níveis de organização e relação entre si. O conceito de semiosfera funcionou como

orientação teórica para fundamentar a argumentação sobre a perspectiva teórica que se propôs.

O estilo de uma obra de arte, como um grande sistema, tornou-se um modo de conhecer os processos engendrados na obra. Essa compreensão apresentou-se como uma possibilidade de se entender tais processos por meio das representações que o artista elabora ao compor sua obra, na qual essas formas artísticas ultrapassam em muito os domínios da própria arte que ele cria.

Portanto, estruturou-se este artigo em duas partes. A primeira apresenta as abordagens empregadas nos estudos do estilo artístico na história da arte, finalizando com a compreensão do estilo como categoria de análise. Na segunda parte, propõe-se uma teoria do estilo como constituída de três dimensões analíticas, a formal, a histórica e a sociocultural.

O Conceito de Estilo

Se entendermos que o resultado do estilo de um artista é fruto de uma série de processos que se dão no pensamento criador, a partir de diversos níveis de relação com o mundo sensível, notamos que seria uma visão reducionista se não levássemos em consideração as pesquisas nos diversos campos de atuação do homem no mundo, como aponta Gombrich (2007), ao afirmar que a "história da arte se tornará estéril se não for enriquecida com um estreito contato com o estudo do homem" (GOMBRICH, 2007, p. IX).

As abordagens e preocupações acerca do conceito de estilo aparecem nos primeiros textos da década de 1950, e entre os precursores desse movimento estão os historiadores de arte Meyer Schapiro e Arnold Hauser. Diferentemente deste último, Meyer Schapiro escreveu, em 1953, um ensaio inteiro dedicado ao assunto. Assim, pode-se dividir em etapas na história o estudo do estilo nas artes visuais a partir do século 16. No entanto, há um período anterior que alimentaria o léxico dos estudos da arte a partir desse momento, com início na palavra grega "*stylos*", que significa "coluna ou sustentante" (LIMA, 1958, p. 19), de onde se originou o termo "estilo", passando ao latim "*stilus*", usado como referência nas análises das investigações em História da Arte. Essa etapa anterior ao começo do estudo do estilo artístico proporciona conhecer algumas particularidades no emprego do termo

"estilo", com sua origem na arte de escrever e na retórica da antiguidade, passando às artes visuais a partir do século 16, com o emprego do termo italiano "*maniera*".

O início dos estudos do estilo artístico nas artes visuais se deu com Giorgio Vasari, quando publicou em 1550 a sua célebre obra "*Le Vite de più Eccelenti Pittori, Scultori e Architetti*" (VASARI, 1846). Com Giorgio Vasari não se tem uma definição do conceito de estilo; encontra-se em sua obra o estabelecimento de uma abordagem em analogia à biologia aplicada à caracterização de fase no desenvolvimento da arte, que se inicia na segunda metade do século 13 e culmina com a arte do início do século 16. Esse momento se estende até o fim da primeira metade do século 17 com Carlo Ridolfi e Giovanni Pietro Bellori. Já no século 18, temos o início do estabelecimento dos estudos do estilo na história da arte com J. J. Winckelmann, configurando a segunda etapa desse estudo. Foi Winckelmann quem empregou largamente o termo "estilo" em sua obra "*Geschichte der Kunst des Alterthum*", de 1764. Em seu estudo da arte antiga, especialmente a arte grega e romana, Winckelmann aponta algumas características na arte grega que se diferenciam da arte romana. São traços característicos que indicam qual a origem da obra. O conhecimento adquirido por Winckelmann deriva da própria observação direta das obras analisadas.

Porém, o trabalho de Winckelmann, na verdade, se encontra em um momento de transição entre aquele início, com Vasari, Ridolfi e Bellori, e o que virá na passagem do século 19 ao 20, com a Escola de Viena de História da Arte, com Alois Riegl, Heirinch Wölfflin, Henri Focillon e Wilhelm Worringer. Fora do círculo da Escola de Viena de História da Arte, podemos acrescentar o trabalho de Hyppolite Taine, "*Philosophie de L'Art*", de 1893, em que emprega o termo francês "*style*".

A quarta etapa, encontramos nos estudos a partir da segunda metade do século 20, com Meyer Schapiro, Arnold Hauser, James Ackerman e Ernst Gombrich. Na etapa recente, do fim do século 20 e início do 21, temos Rudolf Arnheim, Richard Wollheim, Gorge Kubler e David Summers.

Nos estudos recentes acerca do problema do estilo nas artes visuais, é perceptível a insatisfação do modelo tradicional dos estudos em história da arte como é discutida por Rudolf Arnheim (2004), quando diz que

Os historiadores da arte ficaram cada vez mais insatisfeitos com o modelo tradicional de história da arte como uma seqüência linear de períodos independentes, cada um delimitado por um conjunto de características persistentes e tendo um começo e fim datáveis. Quando se conheceu mais sobre a real complexidade dos fatos históricos, tornou-se necessário levar em conta todos os tipos de sobreposições, exceções, dissidências, subdivisões e deslocamentos no tempo. As nítidas fronteiras entre um estilo e o seguinte tornaram-se confusas e controversas (ARNHEIM, 2004, p. 275).

A posição do autor é coerente com a nossa discussão, pois não podemos pensar a história da arte como uma sucessão linear e delimitada de estilos na história (estilo tradicional). Propõe aqui, uma discussão sobre as noções de estilo, buscando uma aproximação com o conceito estudado pelos teóricos e historiadores de arte a partir da segunda metade do século 20.

Encontra-se em parte desses estudos uma abordagem formalista¹ do estilo, resultado dos empreendimentos investigativos de Wölfflin e Riegl, no fim do século 19, o que perdurou até meados do século seguinte, ainda encontrando eco em alguns autores.

Se em uma primeira acepção toma-se o estilo, no caso o estilo pictórico, como constituído por elementos formais e cada elemento como signo que compõe o "alfabetismo visual", sendo, portanto, uma ferramenta poderosa de comunicação, nessa acepção, o estilo é um conjunto constituído por uma série de elementos formais que apontam para algo fora dele mesmo. Esses elementos compõem o alfabetismo do estilo, semelhante à ideia de elementos indiciais, estes apontando para relações existentes na própria obra.

Schapiro (1994) define estilo como as características formais constantes, com elementos visuais, qualidades e expressões constantes, na arte de um artista ou grupo. Tem-se aqui, uma definição de caráter formalista do conceito de estilo. Quando Schapiro diz que estilo é um sistema formal e que através desse sistema torna-se possível se aproximar da personalidade do artista, bem como de sua forma de pensar e sentir, o autor vê no estilo um meio de transmissão de informação, um veículo de comunicação, na medida em que expressa tal personalidade, no qual nos possibilita conhecer certos valores da vida religiosa, social e moral de um artista ou grupo ou, ainda, de um lugar ou cultura. Tomando como base esse pensamento,

podemos pensar no estilo como um dos sistemas na arte, um sistema formal, que imprime certo grau de complexidade ao estudo da obra de arte, pois leva em consideração essa dinâmica expressiva de certos valores sociais e culturais.

Mesmo partindo de um conceito formalista do estilo, Schapiro não se limita somente aos aspectos formais do estilo. Mesmo porque não se pode ignorar a visualidade que toda obra de arte visual possui, já que todo artista manuseia os elementos da linguagem visual. O que muda é a maneira como cada artista utiliza esses elementos em suas composições.

Numa segunda acepção acerca do conceito de estilo, percebe-se uma abordagem "expressiva", tomando o estilo como expressão de uma época ou grupo de artistas. Essa abordagem se mostrou limitadora das investigações sobre o estilo artístico, quando foca em sua relação com o "espírito da época" à qual o estilo se vincula. Não significa que esse tipo de abordagem não possa ser empregado ao estudo de um estilo; o problema aparece quando se busca generalizar o estilo de todo um período histórico ou grupo de artistas. A própria obra de Vasari sobre a "Vida dos Artistas", do século 13 ao 16, já nos aponta para essa diversidade de estilos que podem existir de artista para artista em um mesmo período histórico.

Percebe-se que mais do que constituído de elementos formais, o estilo estabelece certa ordem de significados históricos e sociais de uma visão de mundo. Visão essa que é sempre particular, pois se trata da obra de um artista. No entanto, essa visão de mundo do artista permite focalizar no modo como o artista definiu as suas escolhas, possibilitando a interpretação de uma realidade vivida.

Pensar o estilo como expressão de uma época possibilita conhecer, mesmo que parcialmente, uma dada realidade vivida pelo artista, tomando o estudo do estilo como ponto de vista na investigação das formas e seus significados. É claro que em cada momento histórico a realidade social apresenta certos mecanismos que colaboram com a modelização de um estilo artístico. Mecanismos esses que algumas vezes não seriam possíveis em outros momentos, como a segunda revolução industrial, que de certo modo definiu os modos de vida da sociedade urbana da Paris da segunda metade do século 19.

A relação estreita entre o estilo e a realidade vivida pelo artista se encontra indissociada da realidade cultural e histórica de uma determinada época. Mas acredita-se que há mais fatores a serem levados em consideração nessa abordagem. Esse ponto de vista pode fazer com que o pesquisador caia num determinismo exagerado, se levar em consideração uma categoria de estilo enquanto forma de pensamento.

A essa noção de estilo como expressão de uma época, Gombrich (2012) apresenta uma preocupação: até que ponto a relação do estilo na arte pode ser considerada como estilo de vida, de uma época? É fato que as mudanças nas forças de atuação, como aponta Rudolf Arnheim (2004), configuram modificações na estrutura de um estilo. É fato que as diferenças de personalidade influenciam o modo de representação na arte. Mesmo que se fale que a visão de mundo do artista é sempre pessoal, não se pode desconsiderá-la atada nas teias da realidade em que o mesmo vive e interage. Assim, não seria possível estudar o estilo de um artista se limitando à própria obra de arte.

Há vários fatores que entram nessa dinâmica do desenvolvimento do estilo. São indiscutíveis os diversos níveis de influência da vida do artista nos estilos. Não se pode pensar em elementos separados, mas em relações. A estrutura pode ser definida como resultado de diversas relações, fora e dentro do próprio estilo.

No século 20, deixou de se conceber o conhecimento a partir de uma visão "atomística", levando em consideração toda ordem de relação na história. Em vez de se pensar em "interdependência indissolúvel", vê-se uma relação dinâmica, que implica interação, agrupamento, conflitos, aproximação e separação, organizada em dimensões no estilo. Essas dimensões são de caráter diverso, são sociais, culturais e históricas, que atuam no desenvolvimento de um estilo. É fato que certas posições históricas, sociais, religiosas, políticas, culturais e econômicas contribuem com essa transformação do estilo, do ponto de vista formal. Essa posição nos leva a outra abordagem do estilo de caráter processual. Nessa acepção, essas dimensões se sobrepõem umas às outras, e fatalmente um artista apresentará, em seu estilo, e podemos falar também em subestilos, várias dimensões, seja social, seja cultural ou até política e econômica.

Vemos que os artistas, principalmente a partir da segunda metade do século 20, apresentam uma dinâmica característica em sua produção artística até o fim de sua vida. É preferível falar em processos recursivos. Estes podem ser reconhecidos no desenvolvimento do estilo.

Por processos recursivos entende-se o conjunto de relações existentes no estilo, que mantém diversos diálogos com vários fatores existentes no contexto do artista, cada relação contribuindo para a dinâmica das demais relações no desenvolvimento do estilo, além de estabelecer relações com outras obras ou até momentos históricos (LOPES, 2018). Assim, não se pode pensar o estilo apenas como um conjunto de soluções formais a um dado problema criativo ou a um resultado de um desafio enfrentado pelo artista.

Tomando cada abordagem em separado na pesquisa do estilo artístico, tem-se um estudo limitado acerca das complexas operações realizadas no desenvolvimento do estilo, mas, se aplicar-se cada abordagem em um mesmo estudo, pode se aproximar da compreensão dos processos complexos que ocorrem na produção artística de um artista.

Desse modo, concebe-se o estilo como categoria de análise para os estudos de obras de artes de um artista individual, a partir do que Richard Wollheim (1987) chamou de "*generative conception of style*"², abandonando o caráter "*merely taxonomic*". Portanto, não queremos classificar a obra de arte de um artista, mas compreender que o desenvolvimento de sua produção artística e de suas escolhas mantém certos níveis de relação com as dimensões histórica, social e cultural. Colocando sob outro ponto de vista, a dimensão social, cultural e histórica são responsáveis, de certo modo, pela modelização da dimensão formal do estilo do artista.

As Dimensões do Estilo

A organização, a discussão e a proposição de uma abordagem acerca do conceito de estilo, a partir de algumas categorias encontradas no material bibliográfico estudado, permitiu o estabelecimento da categoria de estilo baseada nas investigações realizadas pelos principais autores preocupados com a definição conceitual do estilo e as suas implicações metodológicas. Assim, foi possível

compreender o estilo enquanto espaço de relações na cultura, modelizada por esta ao mesmo tempo em que a modeliza.

Desse modo, propõe-se uma concepção de estilo como constituída de várias dimensões, sendo estas de natureza diversa e organizada em vários níveis de relação. Essas dimensões ou estruturas do estilo, são: a dimensão formal, a dimensão histórica e a dimensão sociocultural (figura 1).

Para a descrição dessas dimensões, nos valem da metáfora do *iceberg*, segundo a qual o que está oculto, o que não está aparente, é muito maior do que aquilo que se percebe na superfície.

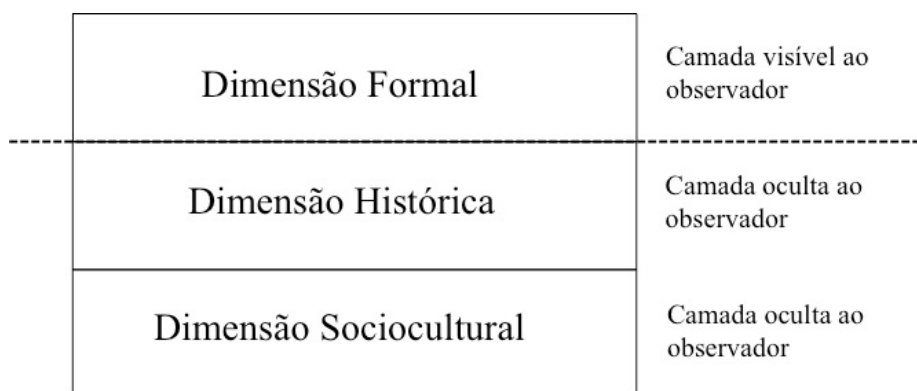


Figura 1: Diagrama ilustrando as três dimensões do estilo artístico.

Na figura 1, ve-se um modo de encarar como as dimensões formal, histórica e sociocultural se organizam. O fato de se colocar a dimensão formal como a primeira se dá por entendermos que o primeiro contato é com os aspectos visuais da obra, ou seja, os formais. Só através da dimensão formal temos acesso às demais dimensões, a histórica e a sociocultural, que se apresentam ocultas ao primeiro contato.

Em um primeiro momento, percebe-se que, a partir da dimensão formal - que diz respeito ao campo visual da obra percebida e é a que podemos encontrar na maioria dos trabalhos teóricos que se detiveram no estudo do estilo -, torna-se possível alcançar as demais dimensões, seja a social com maior incidência e, por conseguinte, a cultural com menor incidência, ou ao contrário, juntamente com a dimensão histórica, sendo que as três dimensões do estilo na obra de arte se articulam, formando processos relacionais. Nesse aspecto, todo e qualquer estilo é manifesto na forma³. Trata-se, em seu sentido lato, da aparência do estilo definido

pelas características formais de composição, que são o conjunto de traços distintivos visuais de uma obra ou grupo de obras.

Desse modo, costuma-se falar em morfologia dos estilos como um dos fatores responsáveis pelo movimento regular, quando falamos dos modelos de desenvolvimento dos estilos e seus princípios. Sabe-se ainda que o estudo dos aspectos formais que caracterizam o estilo não é suficiente para a sua interpretação e que outros aspectos da vida social e cultural são necessários para se levar a cabo tal estudo.

Os apontamentos de Ernst Gombrich (2009) e James Ackerman (1962) tecem uma crítica mais completa ao que Gombrich (2009) define como "determinismo estilístico", baseado nos estudos morfológicos do estilo, mas reconhece que, mesmo com restrições, a análise de uma "morfologia de estilo", como argumentam, não é invalidada.

Apesar da ampliação do campo de abordagens nos estudos e análises das obras de arte, a dimensão formal se encontra bastante presente nos modelos teóricos no campo das artes visuais, caracterizando a maioria dos estudos sobre o estilo nas artes visuais como taxonômica. Essa tendência classificatória se baseia principalmente nos estudos de morfologia visual. Contudo, esse estudo morfológico do estilo, buscando uma aproximação com outras abordagens teóricas, pode se apresentar bastante rico, ao identificar que a dimensão formal de um estilo é a manifestação de uma estrutura interna. Nessa concepção, os elementos formais são mais do que meros componentes da forma, eles formam esquemas estruturais que tendem à permanência, tomando a estrutura como invariância da cultura, definindo os aspectos compositivos do estilo.

A estrutura é, portanto, um sistema complexo formado por traços distintivos que estabelecem certos níveis de relação dentro da dimensão formal e fora dela. Vale dizer que a estrutura do estilo é afetada por componentes tanto internos quanto externos. Por isso, devemos abordar a questão do estilo também como um problema estrutural, podendo ser pensado o estilo como uma estrutura, constituída por elementos essenciais, constantes ou variáveis. No entanto, esses elementos pertencentes ao estilo não são apenas internos, mas também externos. Essa

abordagem mostra que os componentes constitutivos da estrutura de um estilo não dependem exclusivamente da dimensão formal, apesar de estabelecerem relações com a mesma.

A estrutura aponta alguns princípios de composição, pois estamos falando de obras visuais, possibilitando encontrar padrões que se repetem na obra de um artista, sendo possível uma abordagem que se crê existir a partir de pequenos padrões recorrentes. Trata-se de um espaço abstrato em que o estilo se configura enquanto sistema de linguagem. Esse espaço possui uma história, a de seu desenvolvimento, por isso o caráter temporal, que aponta para uma memória, que é dado conhecer por meio do estudo da estrutura de um estilo, através da análise das obras de arte de um artista.

Desse conceito de estilo, deriva uma abordagem que aparece de forma não desenvolvida nos estudos dos autores aqui citados, aquela segundo a qual a estrutura do estilo possui uma memória e, portanto, tem uma história. Esse aspecto mnemônico da estrutura está relacionado ao fator temporal da dimensão histórica do estilo, o que resulta no aspecto espaçotemporal. Há, portanto, dois níveis históricos, o do contexto em que o artista se situa, fora do estilo, e o nível que se encontra pertencente ao estilo, dentro dele.

Dentro dessa abordagem sobre a estrutura do estilo, encontramos alguns elementos essenciais para a sua conformação, no que tange ao aspecto visual, encontramos os componentes estáticos e dinâmicos da estrutura. Componentes estáticos seriam os traços distintivos da estrutura, os entendemos como os elementos recorrentes que caracterizam o estilo, aquilo que se repete no conjunto de obras de um artista, o que se mantém, que marca a invariância da estrutura. Esses componentes geralmente são de caráter normativo, ou seja, o conjunto de padrões estabelecidos pela organização formal de composição. Nesse sentido, tanto os elementos internos quanto externos, como também da organização estrutural de um estilo, que se apresentam como áreas estruturais, centro e periferia, concorrem tanto para a estabilidade como para a mudança.

A dinâmica transformadora do estilo de um artista, a partir desses dois fatores apontados por Ackerman (1962), estabilidade (permanência) e mudança (variância),

é encontrada no mesmo estilo nas obras do artista. Eles caminham lado a lado. São esses fatores juntos que agregam o caráter dinâmico ao estilo, e, dependendo do lugar e da cultura, essa relação entre o que é estável e o que é dinâmico geralmente pode variar. Desse modo, acredita-se que os componentes estáticos e dinâmicos não são os mesmos em culturas e épocas distintas, inclusive em obras de artistas diferentes de um mesmo tempo e lugar, podendo se apresentar de modo diferente.

Ackerman (1962) nos diz que em toda obra de arte há estabilidade e flexibilidade, que se apresentam em intensidades diferentes. Os fatores estáveis que definem um estilo ainda são uma proposição no entender de Ackerman. É o estudo dos opostos, aquilo que se mantém estável, que nos ajuda a identificar o que muda em um estilo.

Podemos falar em "variabilidade estilística" e "heterogeneidade no estilo", quando Schapiro (1994) diz que "*such observations teach us the importance of considering in the description and explanation of a style the unhomogeneous, unstable aspect, the obscure tendencies toward new forms*" (SCHAPIRO, 1994, p. 62). A não homogeneidade estrutural, a instabilidade e as "tendências obscuras" até as novas formas são todas características da estrutura irregular do estilo, tomando-o enquanto espaço dinâmico de relações. Sobre a frequência dos elementos ou unidades menores em um estilo que se alteram devido à escala da obra, o autor fala que o estudo dessas características pode conduzir a pesquisa a uma concepção de estilo mais apurada e refinada. Tem-se então a noção de estilo como uma constante visivelmente unificada que se firma em uma regra particular de estabilidade dos elementos que constituem o estilo e que se alteram quando se lida com obras de formatos grandes ou pequenos, deixando o todo mais complexo.

Dentro dessa abordagem sobre os aspectos estáticos e dinâmicos, encontram-se os fatores externos na estrutura do estilo, que mantêm íntima relação com o processo de desenvolvimento do mesmo. São eles: o fator histórico, social e cultural. Esses fatores se estruturam como componentes externos de um estilo, mas que estabelecem enorme influência sobre os componentes internos e seus elementos formais, alterando, assim, a estrutura geral de um estilo.

Define-se então, como a segunda dimensão do estilo, o histórico, por entender que por trás da dimensão formal, que é a mais visível, nos deparamos com o aspecto

histórico do estilo e de sua estrutura, onde ocorrem os processos históricos que dão base para as mudanças e permanências.

Ve-se uma possibilidade metodológica para o estudo do estilo, de buscar relacionar os padrões recorrentes na obra de um artista com os fatos históricos, pois acredita-se que o estilo é fruto de um processo histórico que se dá na cultura. Desse modo, cre-se que o conjunto de costumes, hábitos e preferências de uma sociedade nos ajudará a compreender as escolhas que o artista faz. O estudo de uma obra de arte reclama pelo conhecimento, por parte do pesquisador, do estado geral da época e do lugar em que o artista que a produziu vive ou viveu.

A estrutura de um estilo aponta, além de suas características particulares, seu lugar no tempo e no espaço, assim como a sua autoria, ou, ainda, a sua relação histórica com outros estilos, pois as características dos estilos mudam, o que torna inviável uma classificação sistemática, pensando que mesmo um estilo varia dentro de um mesmo espaço cultural heterogêneo. É possível identificar no estudo do estilo diálogos com outras formas de arte e outros pensamentos, sejam científicos, filosóficos ou religiosos, ultrapassando o seu próprio espaço, apresentando um caráter complexo.

Pode-se enfatizar certas questões sobre o estilo, explicitando essa noção espaçotemporal como resultado de um conjunto de elementos internos e externos, e estes como fruto de diversas relações complexas que operam na sociedade. Vemos que todas as formas expressivas de um dado momento histórico são por vezes heterogêneas, não se restringindo a concepções coletivistas, válidas para todos os artistas que viveram numa mesma época. Fala-se em desenvolvimento tanto em termos sociais como valorativos, mas a palavra “processo” se torna melhor empregada nesse contexto conceitual, pois se refere à dinâmica transformadora de um espaço, por definição abstrata.

Além da dimensão histórica envolvida no desenvolvimento de um estilo, a sua estrutura estabelece outro nível de relação, agora com a sociedade. São perceptíveis os diversos níveis de influência da vida do artista nos estilos. Há exemplos na história da arte em que transformações no modo de vida de uma sociedade reverberam nas artes em algum nível. Há momentos na arte em que é

factual a relação das mudanças históricas, sociais, culturais, econômicas e políticas com as suas formas de representação. Pensamos a dimensão sociocultural em seu sentido lato, que engloba os fatores também religiosos, políticos e econômicos.

Considerações Finais

Conhecer a estrutura externa do estilo na obra de um artista é apontar a riqueza dos estudos sob a ótica da confrontação de ideias, características, condições da vida econômica, política e social, com a arte, na busca de explicar e estabelecer conexões da arte com a estrutura social.

Vemos que somente a partir do início da segunda metade do século 20, os historiadores e teóricos da arte aceitam abertamente que o estudo da arte necessita dialogar com o estudo do homem. Não há dúvida, então, que as forças sociais e culturais funcionam como um dos fatores que determinam as transformações ocorridas na estrutura de um estilo. O estilo pode ser visto como um experimento social, portanto, precisando do diálogo com a sociologia e antropologia, a fim de buscar compreender as ocorrências em seu interior, sem o qual não será possível compreender o impacto das forças sociais na obra de um artista.

As grandes mudanças, não só sociais, mas econômicas e políticas, são seguidas por mudanças na arte e em sua dimensão formal. Pode-se ver a influência das transformações sociais, culturais, econômicas e políticas na conformação das formas como processos socioartísticos nos estilos. Esses processos ocorrem tanto dentro dos próprios estilos como fora deles. Levam-se em consideração as relações dinâmicas no interior dos estilos artísticos e as que acontecem, no exterior dos mesmos. Mas as relações internas mantêm níveis de interdependência com o que ocorre fora, dependendo desse último para os "alimentar". Podemos aplicar, de modo diferente, a abordagem socioartística no estudo dos estilos, no qual ocorre o movimento de fora para dentro e de dentro para fora. São as relações em movimento com a sociedade. Essas condições, sociais e culturais, exercem influência sobre a criação estilística.

Notas

¹ Definimos por abordagem formalista nos estudos do estilo artístico toda tendência a classificar o estilo a partir de seus traços visuais característicos e constantes.

² O autor critica a concepção taxonômica do estilo, portanto de caráter classificatório, e é a favor de uma concepção generativa do estilo, portanto de caráter processual, quando aponta que "to grasp what is special to individual style, the contrast between a *merely taxonomic* and a *generative conception* of style is invoked, and the

better to understand a generative conception of style, the notion of a *style-process* is invoked, and a style-process in turn breaks down into a *schema* or *universal*, a *rule* or *instruction*, and a *disposition*: the disposition being the internalisation of a rule operating upon what falls under a schema" (WOLLHEIM, 1995, pp. 37-38), desse modo, o autor fala em "processo de estilo".

³ Meyer Schapiro (1994) e Gombrich (2009) falam em "morfologia do estilo" ou "fisionomia do estilo".

Referências

- ACKERMAN, James S.. A theory of style. *In: Journal of Aesthetics and Art Criticism*, Vol. 20, No. 3, 1962. pp. 227-237.
- ARNHEIM, Rudolf. O estilo como um problema gestaltista. *In: ARNHEIM, Rudolf. Intuição e intelecto na arte*. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- GOMBRICH, E. H.. Style. *In: PREZIOSI, Donald (ed.). The art of art history: a critical anthology*. 2. ed. New York: Oxford University Press, 2009.
- GOMBRICH, E. H.. *Os usos das imagens: estudos sobre a função social da arte e da comunicação visual*. Tradução de Ana Carolina Freire de Azevedo, Alexandre Salvaterra. Porte Alegre: Bookman, 2012.
- GOMBRICH, E. H.. *Arte e ilusão: um estudo da psicologia da representação pictórica*. Tradução de Raul de Sá Barbosa. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.
- HAUSER, Arnold. Estilo e as suas transformações. *In: HAUSER, Arnold. Teorias da arte*. Tradução de F. E. G. Quintanilla. Lisboa: Editorial Presença, 1988. pp. 182-207.
- KUBLER, George. Toward a reductive theory of visual style. *In: LANG, Berel. The concept of style*. Ithaca; London: Cornell University Press, 1987.
- LIMA, Enoch da Rocha. *Estilo e estilização: as fases de um estilo*. São Paulo: Gráfico e Editora EDIGRAPH Ltda, 1958.
- LOPES, Valter Frank de Mesquita. *Os processo socioartísticos em Moacir Andrade: estilo e artes plásticas na Amazônia*. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Amazonas, 2018.
- LOTMAN, Iuri M.. *La semiosfera I: semiótica de la cultura y del texto*. Selección e traducción del ruso Desiderio Navarro. Madrid: Frónesis Cátedra Universitat de València, 1996.
- VASARI, Giorgio. *Vidas dos artistas*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- VASARI, Giorgio. *Le vite de più eccellenti pittori, scultori e architetti*. Firenze: Felice Le Monnier, 1846.
- SCHAPIRO, Meyer. *Theory and philosophy of art: style, artist, and society - selected papers*. New York: George Braziller, 1994.
- SUMMERS, David. Style. *In: PREZIOSI, Donald (ed.). The art of art history: a critical anthology*. 2. ed. New York: Oxford University Press, 2009.
- WOLLHEIM, Richard. Pictorial style: two views. *In: LANG, Berel. The concept of style*. Ithaca; London: Cornell University Press, 1987. pp. 183-202.

Valter Frank de Mesquita Lopes

Doutor em Sociedade e Cultura na Amazônia (UFAM). Mestre em Ciências da Comunicação (UFAM). Graduado em Licenciatura em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Amazonas. Especialista em Museologia pela Universidade Federal do Amazonas. Especialista em Produção de Material Didático em Educação a Distância (UFAM). Professor Adjunto II da Faculdade de Artes da Universidade Federal do Amazonas.